

José Luiz Balestrini

Universidade Paulista – UNIP

Email: balestrini@lungfu.com.br

Malena Contrera

Universidade Paulista - UNIP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4334-9467>

Email:

malenacontrera@uol.com.br



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito exclusivo de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

Desequilíbrio Ecológico das Imagens: A importância das imagens oníricas para os processos de resiliência

Ecological Imbalance of Images: The importance of dream images for resilience processes

AUTOR, N. Desequilíbrio ecológico das imagens: a importância das imagens oníricas para os processos de resiliência. **Revista Eco-Pós**, v. 25, n. 1, p. 459 - 481, 2022. DOI: 10.29146/ecops.v25i1.27739 .

RESUMO

Considerando o cenário atual da relação do ser humano com a imagem, sua natureza simbólica e suas dimensões endógena e exógena, refletimos no presente artigo sobre novos desdobramentos do fenômeno da iconofagia. Pensando o papel da imagem nos processos imaginários, o sonho é espaço de vivência das imagens endógenas. Levamos em conta a importância do trabalho com os sonhos para a saúde geral do indivíduo e da coletividade, como apontado por C. G. Jung e consideramos sua importância para a criação de estratégias de resiliência a partir dos moldes propostos por B. Cyrulnik. Adicionamos dados da neurociência que mostram a decodificação de imagens oníricas, o estabelecimento de diálogos com sonhadores durante o sono REM e a identificação de neurônios que respondem de maneira exclusiva a determinadas imagens visuais. O objetivo é propor uma reflexão crítica levando em conta o potencial das imagens simbólicas e os riscos da possível intervenção ideológica e econômica dos sonhos.

PALAVRAS-CHAVE: *Imagem; Sonho; Resiliência; Sociedade midiática; Iconofagia.*

ABSTRACT

Considering the current scenario in the relationship between human beings and image, its symbolic nature and its endogenous and exogenous dimensions, we reflect on new developments in the phenomenon of iconophagy. Thinking about the role of the image in the imaginary processes, the dream is the living space of endogenous images. We take into account the importance of the work with dreams for the general health of the individual and the community, as pointed out by C. G. Jung, we also consider its importance for the creation of resilience strategies based on the models proposed by B. Cyrulnik. We add data from neuroscience studies that show the decoding of dream images, the establishment of dialogues with dreamers during REM sleep and the identification of neurons that respond uniquely to certain visual images. Our goal is to propose a critical reflection, taking into account the potential of symbolic images and the risks of possible ideological and economic intervention in dreams

KEYWORDS: *Image; Dream; Resilience; Media society; Iconophagy.*

Submetido em 31 de agosto de 2021

Aceito em 08 de fevereiro de 2022

Introdução

O papel dos algoritmos na sociedade contemporânea requer atenção frente ao impacto que eles exercem na criação do universo social e de sentido na vida do homem na sociedade midiática. Essas reflexões mostram que o comportamento humano está sendo cada vez mais direcionado pela inteligência artificial, e essa discussão extrapola os muros das universidades por meio dos documentários *O dilema das redes*, dirigido por Jeff Orlowski, e *Coded Bias*, de Shalini Kantayya, ambos lançados em 2020. Há décadas, a inteligência artificial é capaz de criar simulações, rompendo radicalmente com a ideia de representação na imagem, apagando as referências oriundas das vivências concretas (Baudrillard, 1991). O fenômeno ganha nova dimensão no cenário atual quando os algoritmos são responsáveis por reproduzir essas imagens repetidamente de acordo com padrões afetivos de preferências, alinhando o universo de interesse do indivíduo a uma enxurrada de informações e produtos que influenciam ideologicamente e alimentam automatismos que mantêm os indivíduos absorvidos pela Mediosfera (Contrera, 2010). Neste cenário, a proliferação de imagens técnicas nos meios de comunicação se dá na mesma medida em que se reduz o tempo dedicado às práticas imaginativas e ao cultivo das imagens interiores, como, por exemplo, as imagens oníricas. Essa dinâmica gera o que designamos, aqui, como um desequilíbrio ecológico das imagens.

A publicação de *A interpretação dos sonhos* por Sigmund Freud é um marco que até hoje influencia a maneira como o ser humano olha para o fenômeno do sonhar (Ribeiro, 2019). Principalmente por causa da psicanálise freudiana, uma maior atenção voltou a ser dada aos conteúdos do inconsciente (Jung, 2013a); os sonhos e outras imagens que surgem espontaneamente na mente humana passaram a ser objeto de estudos considerados importantes nas ciências do comportamento. Isso não quer dizer que só a partir daí a imagem onírica ganhou importância; ela já exercia papel decisivo na vida dos indivíduos e da coletividade muito tempo antes disso, especialmente nas culturas xamânicas (Eliade, 2002). Embora não fosse tema de investigação nos grandes círculos científicos antes do final do século XIX, sempre houve fascinação natural pelo universo dos sonhos. Líderes religiosos e conselheiros das comunidades arcaicas eram pessoas que possuíam exímia habilidade para interpretar sonhos; estes eram

considerados mensagens enviadas pelos deuses e ignorá-los poderia significar desde uma colheita ruim até a morte do próprio sonhador que desdenhava de um alerta divino (Eliade, 2002; Kelsey, 1996).

De acordo com Belting (2014), as imagens podem ser consideradas exógenas ou endógenas e o sonho pode ser visto como o espaço de ação das últimas por excelência, por sua natureza incompartilhável e dimensão inconsciente. As imagens exógenas têm grande valor determinado pelas sociedades midiáticas e um vasto campo de estudos estabelecido nos círculos acadêmicos. Enquanto isso, os estudos acerca das imagens endógenas perdem cada vez mais espaço e, deixadas de lado, levam com elas também o exercício da imaginação simbólica (Contrera, 2016). Ocupando cada vez mais espaço, as imagens técnicas tomam conta dos meios de comunicação criando um ambiente midiático aprisionante, anestesiante e de devoração mútua traduzido da seguinte maneira: usuários que devoram imagens que, por sua vez, alimentam-se do tempo de vida dos primeiros e de suas vivências concretas; esse fenômeno foi nomeado por Baitello Jr. como iconofogia (2014). Cada vez mais a sociedade contemporânea é conduzida na direção da hegemonia das imagens produzidas tecnicamente. Isso cria indivíduos desconectados com o mundo simbólico, lugar de morada das imagens endógenas (Contrera, 2015). O enfraquecimento do pensamento simbólico é uma das principais causas do adoecimento psíquico individual e coletivo (Jung, 2012a). Afastado da imaginação e do pensamento metafórico (Hillman, 2018), o ser humano afasta-se também dos seus próprios sonhos, já que estes são pura produção simbólica.

Cyrulnik (2001) afirma que a arte como expressão do inconsciente tem potencial de cura, pois ela possui a capacidade de despertar a resiliência transformando as experiências traumáticas em alertas coletivos, mudando a maneira como o indivíduo enxerga o outro, o ambiente e a si mesmo. A arte é uma narrativa simbólica que atinge diretamente o autor e o espectador, e o sonho ganha a mesma função quando relatado; tem a capacidade de conectar sonhador e ouvinte ao universo simbólico que sempre carrega consigo o potencial arquetípico (Hillman, 2018). O sonho é a expressão artística do inconsciente, a obra de arte do mundo interno (Von Franz, 1996), por isso precisa ser entendido como uma importante via de acesso às imagens endógenas e, conseqüentemente, à imaginação simbólica. Eles são a expressão mais

pura dos conteúdos ocultos da nossa psique; da ampliação metafórica do material enviado pelo inconsciente pode surgir um novo processo reorganizador (Hillman, 2018; Cyrulnik, 1997). As imagens simbólicas manifestadas nos sonhos desempenham o papel fundamental de movimentar a energia psíquica (Jung, 2013d), seja por meio de processos de compensação, ressignificação, diluição ou equilíbrio dos conflitos. Hoje, vivemos numa cultura de sonhadores patológicos que, ao invés de olhar simbolicamente para seus conteúdos oníricos, literalizam essas imagens buscando explicações rasas e racionalizadas de seus significados. Isso causa o enfraquecimento da consciência e da propriocepção — é no corpo que o sonho acontece — e a diminuição das possibilidades de resiliência resultante da regulação dos conteúdos psíquicos (Cyrulnik, 2001). Identificamos, assim, uma situação de paranoia coletiva da sociedade contemporânea, uma vez que na raiz dessa patologia está a negação da dimensão simbólica da vida, isto é, a própria literalização (Hillman, 2016).

Entender como a primazia das imagens exógenas influencia nossa capacidade de lidar com as imagens endógenas, o mundo simbólico e a dimensão do imaginário é fundamental para compreendermos as implicações disso na criação de estratégias de resiliência. O sonho, sendo uma das fontes primordiais de acesso às imagens endógenas, precisa ser levado em consideração por seu valor regulatório da psique humana (Jung, 2012b), fato indicado não só por psicólogos, etólogos e teóricos da imagem, mas hoje também pela neurociência (Ribeiro, 2019). No presente artigo procuramos vislumbrar a possibilidade de que, num futuro próximo, os sonhos poderão ser invadidos por técnicas de mapeamento cerebral e talvez até ordenados por máquinas e algoritmos que ditem com precisão o conteúdo da experiência onírica. Iremos caminhar como espécie para um futuro no qual nossos mundos, externo e interno, sejam totalmente controlados pelo uso ideológico e predatório da indústria tecnológica e midiática?

Insistimos no ponto de que é preciso sonhar e, mais do que isso, é necessário dar atenção às imagens oníricas, amplificando seus conteúdos através das mais diversas expressões criativas, promovendo práticas narrativas que revelem artística e simbolicamente as histórias mitológicas refletidas nos sonhos (Cyrulnik, 2001). Por meio de uma estratégia hermética, entramos em contato com as imagens endógenas e podemos expressá-las de maneira exógena

para que outros sejam tocados por elas e, contagiados, experienciem na profundidade de suas próprias psiques o simbolismo e a transformação que elas podem gerar.

1. Imagem: símbolo em movimento

Compreender as imagens como portadoras de duas dimensões respeita sua natureza ambivalente: ao mesmo tempo presença e ausência, fora e dentro, materialidade e imaterialidade, as imagens raramente se deixam definir (Baitello Jr, 2014). Essa dupla natureza proposta por Belting (2014) parece especialmente útil para compreendermos o lugar do sonho na sociedade contemporânea. Contrera (2016) ajuda a distinguir com clareza as dimensões endógena e exógena da imagem:

Essa distinção proposta por H. Belting - acerca da dupla identidade de uma imagem, sua dimensão exógena, aparente, sensorial, e sua dimensão endógena, imaginativa, mental -, é fundamental porque enquanto as imagens técnicas tratam quase exclusivamente dessa dimensão exógena, que fetichiza as condições técnicas da produção da imagem - reduzindo a imagem a signo, a código, inscrição, aparência-, a dimensão simbólica da imagem carece do processo da consciência imaginante, do tempo lento necessário para que o sentido se manifeste por meio do sonho, da imaginação (Contrera, 2016, p.185).

A imagem endógena é aquela que brota espontaneamente do mundo interior do indivíduo e, como diz Baitello Jr. (2012), são as primeiras imagens que surgem em nossa existência e não são necessariamente visuais, podem ser táteis, olfativas, gustativas, auditivas e proprioceptivas. De fato, as últimas são as mais antigas imagens geradas em um indivíduo, ainda na gestação.

Em sua dimensão exógena, a imagem exige um suporte material para existir; toda imagem endógena torna-se exógena quando ganha exterioridade, no tempo exato em que é expressa. Enquanto ela for apenas intrasubjetiva, mantém sua característica endógena; somente quando exteriorizada através de qualquer expressão, torna-se exógena (Belting, 2014).

Hillman (2018) afirma que toda imagem pode adquirir sentido arquetípico quando libertada de suas camadas superficiais, o que só pode ocorrer quando aquele que a recebe estabelece uma atitude simbólica perante ela. É exatamente a experiência simbólica da imagem

que possibilita a sua ação regeneradora (Baitello Jr., 2012). A ambiguidade é a característica principal da imagem simbólica que une a consciência e o inconsciente fazendo surgir a possibilidade da expressão criativa que traz a novidade (Jung, 2013c). Segundo Nietzsche (2007), no milagre metafísico do encontro paradoxal aberto e discrepante entre as dimensões apolínea e dionisíaca da vida é que surge a obra de arte e isso só pode acontecer no símbolo e através dele. Porém, nem toda imagem é apreendida simbolicamente; ela pode atuar de maneira diabólica, disjuntora, quando não há ressonância interior, como no caso de imagens exógenas que geram um processo de literalidade, não se abrindo para os desdobramentos de sentidos, mas tendo em essência sua própria aparição; a sociedade midiática estabelece um estado de emissão ininterrupto e histórico desse tipo de imagens (Contrera, 2017). Nesse caso, perdem seu poder unificador e regenerador, deixando o indivíduo desconectado da dimensão simbólica da imagem que, fascinado apenas pelas condições técnicas da produção de sua aparição, se vê apartado da riqueza polissêmica da imagem, separado dos potenciais profundos que ela carrega. Segundo Jung (2012a):

Somente a vida simbólica pode expressar a necessidade da alma - a necessidade diária da alma, bem entendido. E pelo fato de as pessoas não terem isso, não conseguem sair dessa roda viva, dessa vida assustadora, maçante e banal onde são “nada mais do que” (Jung, 2012a, §627).

Jung fala sobre uma *necessidade diária* do que podemos chamar de exercício do pensamento metafórico. Nos dias atuais, vivendo numa sociedade dromológica¹, a grande maioria de nós não consegue viver o tempo de outra maneira a não ser produzindo e consumindo o mais rápido possível; falta o tempo lento necessário para a apreensão simbólica das imagens (Contrera, 2016). Nesse processo de busca desviada pela produtividade, as pessoas acabam transformando-se em apenas uma coisa, isto é, suas existências ficam reduzidas a uma única esfera do viver. Identificados somente com uma das máscaras sociais que precisam utilizar para sua adaptação ao mundo externo, perdem a chance de entrar em contato com suas outras

1 Conceito criado pelo filósofo Paul Virilio (1932-2018) que indica a corrida constante em que vive o indivíduo contemporâneo. Segundo ele, a maneira de viver o tempo muda a natureza do ser humano e a experiência cada vez mais acelerada da vida destrói a chance da vivência do tempo lento. Isso se dá principalmente pelas inúmeras e constantes inovações tecnológicas.

potencialidades anímicas. Tornar-se *nada mais do que* é a marca da crise do pensamento simbólico descrito por Contrera (2015):

A crescente migração da energia dos Imaginários Culturais para o Imaginário Mediático – padronizado e hegemônico – é talvez um dos maiores sintomas de como nossa época padece da crise do simbólico e de como procura ocupar o lugar deixado pelos deuses e pela transcendência, com o consumo e a tecnolatria (Contrera, 2015, p. 457).

A imagem é símbolo em movimento. Mesmo que sua dimensão exógena se manifeste como estática, incita emoções quando percebida de maneira simbólica despertando a imaginação. Vamos usar como exemplo a pintura de Peter Paul Rubens, Pan e Syrinx (Figura 1). Observando a cena poderíamos formular as mais diferentes perguntas permitindo o surgimento da imaginação a partir de cada detalhe da tela: personagens, cores, emoções representadas, a narrativa que a tela sugere; tudo nos convida a imaginar.

Figura 1: Pan Und Syrinx; Peter Paul Rubens; circa 1619.



Fonte: Wikimedia Commons, 2021. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pan_syrinx_Rubens.jpg

Cada um dos elementos pode ser acolhido a partir do exercício da imaginação que pode dar origem a um número cada vez maior de sentidos. O lugar a que as imagens nos conduzirão pode variar infinitamente de acordo com o indivíduo, com sua cultura e momento psicológico; alguns identificariam rapidamente as figuras mitológicas de Pan e Syrinx, outros não teriam a menor ideia de quem elas são. Porém, da mesma maneira que fazemos com qualquer imagem, esta cena poderia ser reduzida à sua análise técnica, como foi produzida, quais materiais foram utilizados, categorizando-a a um período específico. Assim, teríamos recusado o convite das imagens à imaginação simbólica.

2. A imagem onírica

Assim como acontece com outras categorias de imagens, perante o sonho podemos assumir uma atitude simbólica, ampliando os elementos que a psique nos apresenta, ou literalizante, reduzindo aquilo que poderia ganhar volume metafórico a significados fechados, superficiais e rasos. Sobre o sonho, Hillman (2018) explica:

(...) um sonho é uma imagem por causa de seu contexto, humor e cena específicos. Não é um símbolo. Isto é evidente em função do fato de que você não pode amplificar um sonho como tal, somente seus símbolos. Eles podem ser retirados de um sonho, pesquisados, pintados, interpretados, mas tudo isso não é o sonho, não é a imagem. Para colocar de outra maneira: um sonho é uma imagem inteira (não importa quão fragmentária, quão equívoca) que inter-relaciona suas próprias imagens que, por sua vez, podem conter símbolos. Um símbolo pode ser um elemento de uma imagem, mas pode haver imagens sem qualquer símbolo” (Hillman, 2018, p. 23).

Mais uma vez, é a atitude frente à imagem que irá definir o efeito que ela terá na vida do indivíduo e da coletividade, e isso também é verdade perante o sonho. Assim como fazemos com as diferentes expressões artísticas e narrativas imagéticas, precisamos usar a imaginação quando lidamos com o sonho. Ainda, de acordo com o autor:

(...) o sonho fala por imagens, ou mesmo é imagens - que é o que o [termo] homérico *oneiros* queria dizer - porque sonhar é imaginar, nosso instrumento para uma escuta não distorcida só pode ser a imaginação. Os sonhos chamam da imaginação para a imaginação e só podem ser respondidos pela imaginação” (Hillman, 2013, p. 94).

De acordo com Hall (2007), cada elemento do sonho pode ser observado de três pontos de vista: pessoal, cultural e arquetípico. No primeiro, encontramos o potencial de cura e ampliação da consciência do sonhador. Do ponto de vista cultural, o sonho sempre traz aquilo que é transmitido moralmente pelo espírito da época e essa era a perspectiva central das sociedades arcaicas ao lidarem com o sonho. A imagem onírica também pode ser enxergada em sua dimensão arquetípica dependendo do aprofundamento que impingimos à ampliação dos significados dos símbolos que a constituem. De acordo com essa visão, podemos dizer que o sonho é o mito individual que carrega sempre motivos coletivos. Campbell (1991) coloca lado a lado a descrição de sonho e mito:

Como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação humana. Suas imagens, em consequência, embora oriundas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações da mais profundas esperanças, desejos e temores, potencialidades e conflitos da vontade humana - que por sua vez é movida pelas energias dos órgãos do corpo que funcionam de maneiras variadas uns contra os outros, e em em concerto. Ou seja, todo mito, intencionalmente ou não, é psicologicamente simbólico. Suas narrativas e imagens devem ser entendidas, portanto, não literalmente, mas como metáforas. (Campbell, 1991, p.40).

Se o sonho é o mito individual, o mito é a expressão coletiva das aventuras oníricas, e ambos trazem conteúdos que já existem na psique individual e coletiva (Hollis, 2005). Eles fazem surgir por meio das imagens os seres que habitam nosso mundo interior, mostram sua dinâmica e sua vida secreta, tornam possível observar a maneira com que a consciência lida com as forças do inconsciente. Através deles entramos em contato com o mundo dos deuses, como diz Hollis: “O maravilhoso milagre dos sonhos, o incrível processo criativo de seu imaginário, seus cenários estranhos, sua programação surpreendente, é por si uma visitação das energias divinas.” (Hollis, 2005, p. 160). Abolir de nossa vida o tempo lento dedicado à reverberação dos sonhos implica, desse ponto de vista, uma enorme perda para o homem das sociedades contemporâneas.

(...) o sonho fala por imagens, ou mesmo é imagens - que é o que o [termo] homérico *oneiros* queria dizer - porque sonhar é imaginar, nosso instrumento para uma escuta não distorcida só pode ser a imaginação. Os sonhos chamam da imaginação para a imaginação e só podem ser respondidos pela imaginação” (Hillman, 2013, p. 94).

3. Sonho e resiliência

Algumas funções importantes do sonho foram identificadas ao longo da história da ciência. Na era moderna, a grande maioria dessas observações vêm da prática clínica psicológica (Hall, 2007). A partir do ponto de vista biológico e evolucionista, Revonsuo (2000) diz que o sonho tem grande importância no desenvolvimento de comportamentos adaptativos quando oferece simulações de situações de perigo que podem ser enfrentadas pelo indivíduo. De uma maneira geral, podemos dizer que o sonho funciona principalmente como regulador da psique e é fundamental para otimizar os processos de aprendizagem:

Eles possuem uma inteligência superior, uma sabedoria, uma perspicácia que nos orientam. Eles nos mostram em que aspectos estamos enganados e nos alertam a respeito de perigos; predizem eventos futuros; aludem ao sentido mais profundo da nossa vida e nos proporcionam *insights* reveladores (Von Franz, 1996, p.11).

A percepção mais importante com relação à nossa visão sobre o fenômeno é o fato de que consideramos o sonho como portador de uma finalidade. A experiência onírica não é somente uma alusão ao passado e às experiências traumáticas ou a conteúdos reprimidos. Temos de considerar que as imagens oníricas são carregadas de potencial simbólico transformador, possuem finalidade e propósito direcionados para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade (Whitmont, 1995). Não é a toa que entre os povos arcaicos encontramos o que Sanford (2007) chama de *cultura do sonho*. Essas pessoas viviam integradas ao ambiente e aos ritmos naturais e consideravam que os conteúdos oníricos tinham influência direta em sua vida cotidiana. Assim, davam grande importância para a narrativa e interpretação dos sonhos como garantia do bem estar da comunidade. Nas palavras do autor:

Os egípcios, os babilônicos, os gregos, os romanos, todos acreditavam que os sonhos eram uma forma muito importante pela qual a alma recebia orientação do mundo espiritual. Entre os povos primitivos possuímos muitos exemplos do que poderíamos chamar de “cultura do sonho”, isto é, culturas nas quais os sonhos formavam o centro de profunda forma de vida espiritual (Sanford, 2007, p. 12).

Podemos dizer que esse tipo de consciência primitiva, mais conectada com a dimensão divina da natureza, aquilo que Max Weber (2004) chamou de mundo encantado, vive sob o fenômeno da *participation mystique*², tipo de consciência própria do estágio de desenvolvimento do ser humano arcaico que concebe a imagem onírica como o duplo descrito por Morin (1979). Nesse lugar da psique habitam os personagens do nosso inconsciente que possuem existência própria e alto grau de autonomia. Podemos não acreditar em sua existência, porém, muitos autores mostram como eles influenciam nosso comportamento, ações e escolhas cotidianas (Jung, 2013b; Von Franz, 1996; Hillman, 2013; Morin, 1992). Precisamos ouvir suas demandas e encontrar o melhor caminho para estabelecer uma relação de fato com eles, já que alternamos nossa existência na vigília com a vida dos duplos durante o sono.

O ego onírico³ mantém uma parte da consciência durante o sonho, do contrário, ao despertar, não lembraríamos das mensagens enviadas durante o sono. Esse personagem é a imagem que representa nosso duplo; o sonho e a morte confirmam sua existência, e durante o primeiro podemos viver nosso outro eu no mundo onírico. Morin (1979), citando Píndaro⁴, afirma que através dos sonhos, algumas vezes, podemos enxergar o futuro. Afinal, o duplo egóico habita um mundo mágico onde as barreiras espaço-temporais não existem:

Porque é o duplo que vela e actua enquanto o vivo dorme e sonha, e, inversamente, “o *eidolon* dorme enquanto os membros estão em movimento, mas anuncia por vezes, em sonhos, o futuro ao que dorme” (Píndaro). Da mesma forma, as sínopes e os desmaios assinalam uma fuga do duplo. Sonho e síncope são já, à imagem da morte, altura em que o duplo desertará do corpo, dessa vez para sempre (Morin, 1979, p. 126).

Morin vê uma aproximação entre a morte e o sonho, visão que se alinha a de Hillman (2013) quando este descreve o ambiente onírico como o mundo das trevas. Segundo o autor, durante o sonho visitamos o *Hades*, lugar da psique humana que “não é uma ausência, mas uma presença secreta - mesmo uma inteireza invisível.” (Hillman, 2013, p.54). Andamos no mundo inferior, na profundidade da psique onde podemos encontrar tudo aquilo que está negado em

2 Conceito criado por Lévy-Bruhl, denotando um tipo peculiar de conexão psicológica em que existe uma espécie de identidade comum entre indivíduo, coletividade e natureza.

3 Termo utilizado por Jung para indicar a figura do próprio sonhador presente no sonho.

4 Poeta grego que viveu entre os anos 517 a. C. e 437 a. C.

nossa vida consciente, mas que ainda pode se manifestar através das imagens endógenas; lá também encontramos os conteúdos arquetípicos que compõem a herança cultural da espécie humana.

O reaparecimento dessas memórias e vivências, ou o surgimento de conteúdos psíquicos aparentemente novos que antes eram desconhecidos, são, muitas vezes, imperativos para a transformação e a ressignificação das condições de vida do indivíduo. Cyrulnik (2001) afirma que a volta, através dos sonhos, das memórias dos traumas e das situações que exigiram adaptação, pode dirigir o indivíduo para o desenvolvimento da resiliência, processo de plasticidade que possibilita ao ser humano a ressignificação dos sentidos dos traumas vividos. Nesse sentido, resiliência não é ressignificação, não é apenas adaptação, mas também atribuição de novos sentidos às experiências vividas, de modo que seja possível seguir vivendo sem o impacto paralisador de um trauma.

Importante aqui é a centralidade dos vínculos afetivos de uma pessoa com o seu entorno social, ressaltando a participação desses agentes no processo de resiliência. O indivíduo necessita desses vínculos para tecer junto esse processo de ressignificação, bem como de tutores, já que toda a atribuição de sentido humano às experiências vividas quase nunca é um trabalho isolado. O repertório cultural desempenha um papel de grande importância como universo simbólico partilhado.

A construção de uma atitude resiliente após a vivência de traumas depende da capacidade simbólica do indivíduo, herança da sociedade e cultura onde ele está inserido (Cyrulnik, 2001). Esse constante processo de ressignificação será o desafio de cada indivíduo, que terá um caminho próprio para trilhar na busca do sentido de sua própria vida, seu mito individual (Jung, 2013b). Não existe uma receita universal de como podemos fazer isso e essa via única e pessoal é apresentada, entre outras maneiras, através das imagens endógenas presentes nas experiências oníricas. Como ensina Sanford (2007): “(...) os sonhos são raízes que atingem as profundezas da alma e ajudam o fluxo da energia para o crescimento e desenvolvimento que nos são possíveis” (Sanford, 2007, p.19). Essa energia existe potencialmente na psique individual e coletiva, naquilo que designamos como imaginário e, nos aproximando do pensamento de Hillman (2018), da dimensão arquetípica das imagens oníricas. Concordando com Cyrulnik

(2001), depende da maneira como nossa consciência recebe essas imagens atribuir-lhes movimento e ampliação, mantendo-as vivas, ou reduzi-las a chaves superficiais de compreensão encontradas em dicionários interpretativos e com muita facilidade na internet. Somente a *atitude da ampliação simbólica* permitirá que as imagens oníricas revelem seu potencial simbólico, fundamental para os processos de resiliência.

De maneira paradoxal, quando a pessoa consegue a revelação daquele que é o seu caminho individual, ela deve de maneira compassiva oferecer e compartilhar isso com a coletividade (Jung, 2015). Essa ação possibilita a chance de que os processos miméticos que naturalmente estão em ação no tecido das sociabilidades (Gebauer & Gunter, 2004), funcione como padrões de espelhamento que estimulem condutas de resiliência (Cyrulnik, 2001). Em resumo, o meu caminho não serve para o outro, mas quando devolvo para a humanidade aquilo que me torna inteiro, atesto sobre essa possibilidade e isso reverbera sobre os outros, propondo que eles façam o mesmo com suas próprias vidas.

No jogo lúdico com as imagens adentramos o mundo mágico da fantasia onde os seres do imaginário podem manifestar-se com liberdade. Essa é a raiz do pensamento simbólico, e, segundo Cyrulnik: “A fantasia constitui o recurso interior mais precioso da resiliência” (Cyrulnik, 2001, p.143). O encontro com as imagens oníricas revela o mito do significado individual, mas ele só fará sentido se pudermos ampliar e compartilhar isso coletivamente. A única maneira de ampliarmos a consciência daquilo que somos individualmente é através das relações, o que implica diretamente na nossa capacidade comunicativa. Na prática, é imprescindível e salutar transformar nossos sonhos em narrativas, e essa atitude faz parte da construção da resiliência individual e coletiva, portanto, esse comportamento torna-se uma obrigação moral e ética para o indivíduo comprometido com a ampliação da consciência (Cyrulnik, 1997; Jung; 2012a).

Nesse processo de identificação com as narrativas compartilhadas, o ser humano encontra a possibilidade de assumir a atitude metafórica necessária para a ampliação dos significados dos símbolos na sua própria dinâmica de vida. Ignorar as imagens endógenas, como normalmente faz o homem contemporâneo imerso em sua rotina dromocrática de produtividade e consumo, vivendo somente para as imagens exógenas das redes sociais, não nos parece ser a

melhor opção existencial, o que se pode atestar frente à crise social, ecológica e humanitária que desafia as sociedades neste século.

4. A invasão do mundo onírico pelas imagens exógenas

Com o avanço tecnológico que ajuda na coleta de dados na neurociência, podemos observar que esse modelo invade cada vez mais os estudos sobre a psicologia tentando trazer dados objetivos e concretos para um campo permeado pela subjetividade. Sabemos que a tecnologia que invade nosso cotidiano surge em grande parte exatamente do desenvolvimento científico e, a partir disso, refletimos como esse desenvolvimento pode atingir a maneira como lidamos culturalmente com as imagens endógenas, especialmente o sonho. Alguns artigos da área ganharam destaque nos últimos anos e sua análise levanta questões interessantes sobre o assunto dentro da teoria da comunicação.

No estudo de Quiroga (2005) foram encontrados neurônios que respondiam especificamente a determinadas imagens visuais: por exemplo, os experimentadores encontraram um neurônio que respondia quando o indivíduo via imagens da atriz americana Jennifer Aniston. O mesmo neurônio não era ativado quando o sujeito via imagens de outras pessoas, atrizes ou atores, famosos ou não. Experimentando com sujeitos diferentes, encontraram outros neurônios que entravam em atividade quando o sujeito enxergava imagens específicas, como por exemplo fotos da atriz Hale Berry ou dos personagens Yoda e Luke Skywalker da série de filmes Star Wars. Esse estudo não fala especificamente sobre sonhos, porém traz uma importante contribuição no que diz respeito a como algumas partes do nosso cérebro respondem aos estímulos das imagens exógenas. Podemos levantar a hipótese de que o contato com determinadas imagens inicia processos elétricos no cérebro que, devido à complexidade da conectividade com o resto do sistema nervoso como um todo, podem suscitar também sensações e emoções diretamente conectadas simbolicamente com o conteúdo da imagem. Uma imagem pode trazer emoções positivas para uma pessoa, negativas para outra ou indiferença para uma terceira. Essas conexões dependem sempre da história individual do sujeito, do desenvolvimento de sua personalidade e memórias. Ainda podemos inferir a

possibilidade de que esses dados estejam indicando uma pequena parte do funcionamento cerebral no que diz respeito à percepção de uma imagem em sua dimensão endógena, ou seja, teríamos aqui uma teoria potencialmente relevante para a compreensão das operações elétricas do cérebro relacionadas com a geração e a recepção psíquica de imagens endógenas e exógenas, relacionando os processos cerebrais com os processos psíquicos.

Outro artigo importante é o de Horikawa (2013) que traz resultados significativos na decodificação de imagens oníricas visuais. Estabelecendo previamente um banco de dados das imagens reconhecidas pelos sujeitos na vigília e durante o sonho - as informações sobre esse material foram coletadas após o sonho, com os sujeitos despertos - foi possível alcançar frequência positiva e significativa no reconhecimento computacional de conteúdos oníricos dos participantes. A decodificação foi feita através da leitura da atividade do córtex visual ativado durante os sonhos. Em outras palavras, o estudo mostra que a inteligência artificial corretamente alimentada com dados sobre o funcionamento imagético do sonhador - em sua dimensão exógena, já que não foram discutidos simbolismos sobre as imagens estudadas -, pode reconhecer sistematicamente imagens produzidas durante o sonho.

O terceiro artigo que gostaríamos de trazer para a discussão fala sobre o estabelecimento de diálogos entre pesquisadores e sujeitos durante a fase REM do sono em relatos de sonhos lúcidos. No estudo de Konkoly (2021), os sonhadores foram treinados para responder com movimentos oculares quando percebessem que estavam lúcidos durante o sonho. Esses movimentos indicavam num primeiro momento que o sonhador estava consciente de que estava sonhando, depois, de acordo com a quantidade de repetições dos movimentos, poderiam significar números ou respostas “sim” ou “não”. Esses códigos foram estabelecidos previamente para criar uma linguagem comum que possibilitasse a comunicação entre pesquisador e sujeito durante o sono. A partir daí os pesquisadores passavam a fazer perguntas diretas aos sonhadores apresentando problemas matemáticos simples, como por exemplo $8 - 6$. Os sujeitos não sabiam o que seria perguntado e a resposta deveria vir através dos movimentos combinados que indicassem o resultado da operação, no caso acima a resposta certa seria 2. Os resultados apresentaram taxas de respostas e de acertos significativas mostrando claramente que é possível estabelecer contato e comunicação com sonhadores lúcidos durante a fase REM do sono.

De acordo com esses dados podemos fazer nosso exercício imaginativo e criar um futuro cenário distópico com relação ao modo como lidamos com os sonhos. Hoje em dia, já não dedicamos o tempo necessário para entrar em contato com as imagens endógenas durante as horas em que passamos acordados, nosso período de vigília sofre a invasão e a saturação de informações exógenas (Baitello Jr., 2014). Apesar disso, podemos dizer que ainda resta o tempo do sonhar para que a psique se manifeste de maneira livre através das imagens oníricas; esse ainda é um espaço exclusivo das imagens endógenas. No entanto, considerando a situação em que nos colocamos como sociedade e cultura na contemporaneidade, não é difícil levantar a hipótese de que podemos caminhar na mesma direção para a qual estamos indo durante a vida vígil com relação aos nossos sonhos. Haverá uma invasão direta do mundo onírico por imagens exógenas? De certa forma, podemos dizer que esse processo já teve início com o experimento de Konkoly (2021). Afinal, os experimentadores puderam levar as perguntas — através de estímulos que foram transformados pela psique dos sujeitos em imagens — para dentro do sonho de outras pessoas.

Essa invasão já existe de forma indireta na medida em que somos bombardeados por imagens exógenas vindas das mais diversas mídias e suportes tecnológicos no dia-a-dia, e, considerando a relação entre essas imagens e as endógenas, as imagens exógenas já intervêm grandemente nos processos endógenos, sobretudo se consideramos os conteúdos do inconsciente pessoal. No entanto, a abertura psíquica inconsciente permite a irrupção de conteúdos do inconsciente coletivo oferecendo uma forma de resistência às formatações ideológicas e estéticas da sociedade contemporânea. Quanto mais houver interferência externa no sonho, mais essa resistência simbólica do inconsciente será atacada.

Com a tecnologia atual que utiliza algoritmos na base do seu funcionamento, já é possível para a inteligência artificial calcular com muita precisão os conteúdos necessários para manter os usuários presos e anestesiados durante a vigília, momento em que, teoricamente, deveriam haver maior discernimento e capacidade de escolha. Unindo os resultados dos três experimentos: (1) se soubermos quais imagens têm mais efeitos estimuladores, sejam positivos ou negativos, sobre os indivíduos (Quiroga, 2005); (2) como inserir imagens exógenas nos sonhos (Konkoly, 2021); e (3) acessar através da decodificação neural as imagens sonhadas

(Horikawa, 2013) podemos fazer uma reflexão provocativa e hipotetizar se um dia teremos acesso direto ao mundo onírico das pessoas, ganhando controle sobre o que elas podem ou devem sonhar. Caso isso aconteça, a inteligência artificial poderá facilmente comandar as histórias, os enredos e os dramas oníricos. Parece que, para a busca desesperada por controle e poder do ser humano, não basta o esvaziamento da capacidade simbólica durante a vigília; essa potencialidade energética poderá ser extirpada também dos sonhos.

Se continuarmos nesse caminho, o fenômeno da iconofagia (Baitello Jr., 2014) certamente invadirá também o mundo onírico com imagens exógenas e técnicas, desprovidas de sentido e utilizadas da mesma maneira ideológica já descrita por Contrera (2010) quando fala da Mediosfera como sendo resultado do fenômeno de invasão do imaginário humano por imagens desprovidas de potencial simbólico:

A proliferação de imagens exógenas que vemos nos ambientes urbanos (seja no ambiente das cidades, seja nos ambientes virtuais) catalisa todo nosso tempo e energia e, conseqüentemente, temos dado pouca atenção às imagens endógenas. Basta considerarmos o tempo que dedicamos à televisão, à internet, à telefonia em geral, e o tempo que dedicamos ao sonho, aos relatos ou registros de sonhos, ao devaneio, ao ócio, à contemplação, à meditação, à dança ou à prática de alguma arte corporal (práticas de geração de imagens interiores, sômato-motoras, conversas com o inconsciente e aberturas ao acaso - ginástica mecânica não vale) (Contrera, 2010, p.64).

Retomando um dos pontos principais deste artigo, a falta do exercício da vida simbólica leva à literalidade exagerada e esta é o fundamento do comportamento paranoico (Hillman, 2016). Se esse fenômeno invadir inclusive nossa vida onírica, não é absurdo afirmar que a paranoia coletiva em que grande parte da população está vivendo tenderá a aumentar e se agravar com o passar do tempo. Na busca pela ilusão de controle, o ser humano acaba entregando-o para as máquinas e para os seus gestores, representantes de uma ideologia que tem se mostrado antiecológica e cada vez mais predatória do humano. Parece que logo veremos não mais a crise do pensamento simbólico, mas uma imensa crise cognitiva, já que o pensamento simbólico é a base da cognição humana.

5. Considerações finais

Partindo de uma perspectiva teórica interdisciplinar, apresentamos dados de diferentes áreas acerca da importância dos sonhos para a vida humana com a finalidade de propor uma leitura crítica do caminho que estamos tomando como espécie biológica e culturalmente determinada na maneira de lidar com as imagens oníricas. Evidenciando a importância de seu papel no que designamos o processo de equilíbrio ecológico das imagens, algo que se pode pensar como parte significativa da Ecologia Humana, consideramos sobretudo a imersão tecnológica e digital das sociedades contemporâneas.

Mais do que falarmos de uma possível conclusão, esta reflexão nos impõe uma grande inquietação acerca dos atuais interesses em intervir nas imagens endógenas dos sonhos, um dos últimos redutos de resistência à invasão econômica e tecnológica das imagens exógenas, própria das sociedades midiáticas. Trata-se, aqui, de apontar um processo já em ação pelo qual a liberdade e a autonomia individual em relação à própria psique se vêem mais ainda ameaçadas. As atuais pesquisas aqui citadas apontam um caminho que impedirá que um dos poucos refúgios que temos para o encontro com as imagens endógenas esteja salvaguardado da supremacia das imagens exógenas, fenômeno que já vivemos durante a vigília. Ainda que se deva considerar o grau de imponderabilidade dos fenômenos complexos, tais como o sonho, não parece prudente ignorar a gravidade da possibilidade de uma realidade futura distópica de sistemas de controle econômicos e ideológicos invadindo o mundo onírico.

Propomos que este tema receba maior atenção, como um alerta para que possamos estabelecer estratégias presentes que mantenham viva a dimensão simbólica das imagens endógenas e, mais especificamente, das imagens oníricas. A devoração do mundo onírico pelas imagens exógenas está anunciada e já foi iniciada. Entraremos, então, num novo momento da era da iconofagia no qual até *Oniro*⁵ será negado e engolido pelas imagens exógenas? O mensageiro dos deuses será substituído por máquinas que enviam imagens geradas por algoritmos? Se for esse nosso destino, parece acertado dizer que os algoritmos tomarão o lugar dos antigos deuses,

5 Personagem da mitologia grega, filho de *Nix* (a Noite), irmão de *Hipnos* (o Sono) e *Tânato* (a Morte). *Oniro* não é um deus e sim um *daímon*. Carregava para os humanos as mensagens determinadas pelos deuses e, portanto, por suas vontades. Essas mensagens poderiam ser verdadeiras ou falsas, sempre dependendo das intenções das divindades. Apesar de sua atuação maior acontecer durante a noite, *Oniro* era capaz de agir também durante o dia (Brandão, 2014).

irão controlar as vidas das pessoas anunciando efetivamente o fim do que poderíamos chamar de humanidade conforme as discussões acerca do pós-humanismo que vêm sendo apresentadas cada mais frequentemente nos círculos acadêmicos⁶.

Gostaríamos de encerrar essa reflexão sobre o desequilíbrio ecológico das imagens e suas consequências e efeitos com relação à experiência onírica com uma frase de Lewis (2017) que com sua sabedoria intuitiva fala sobre como a busca incessante pelo controle da natureza acaba levando a humanidade exatamente para o seu oposto: “No entanto, uma vez que tenhamos vendido nossas almas, ou seja, nós mesmos, o poder assim conferido não pertencerá a nós. Não seremos, na verdade, nada mais que escravos e marionetes daquele a que vendemos nossas almas” (Lewis, 2017, p.70).

Referências bibliográficas

BAITELLO JR, Norval. *A Era Da Iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hakers Editores, 2014.

BAITELLO JR, Norval. *O Pensamento Sentado*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BELTING, H. *Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem*. Lisboa: KKYM, 2014.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico*. Petrópolis. Vozes, 2014.

CAMPBELL, J. *A extensão interior do espaço exterior*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

CONTRERA, Malena Segura. A Imagem Simbólica na Contemporaneidade. *Intexto*. n. 34, p. 456-466. Porto Alegre, 2015. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.456-466>.

CONTRERA, Malena Segura. Imagens endógenas e imaginação simbólica. Porto Alegre: Revista *FAMECOS*. v. 23. n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.21350>.

CONTRERA, Malena Segura. *Mediosfera: meios, imaginários e desencantamento do mundo*. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2010.

⁶ Podemos encontrar muitos estudos que tratam do tema do pós-humanismo e da biotecnologia, como por exemplo Francis (2003), Rüdiger (2008), Ferrando (2013) e Santos (2020).

CONTRERA, TORRES; Malena Segura, Leonardo. Algoritmos, viralização e contágio psíquico: o agravamento da industrialização do espírito. Imagens e imaginários da era digital/virtual. *Revista Texto Digital*. v. 16, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2020v16n2p93>.

CYRULNIK, Boris. *Resiliência*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

CYRULNIK, Boris. *Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

ELIADE, Mircea. *Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRANDO, Francesca. Posthumanism, Transhumanism, Antihumanism, Metahumanism, and New Materialisms: Differences and Relations. *EXISTENZ*, Vol. 8, n. 2., 2013.

GEBAUER, Wulf ; GUNTER, Christoph. *Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas*. São Paulo: Annablume, 2004.

HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, 2007.

HILLMAN, James. *Uma investigação sobre a imagem*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HILLMAN, James. *Paranoia*. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

HILLMAN, James. *O sonho e o mundo das trevas*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HOLLIS, James. *Mitologemas: encarnações do mundo invisível*. São Paulo: Paulus, 2005.

HORIKAWA, T. et al. Neural decoding of visual imagery during sleep. *Science*. N. 340. p. 639-642, 2013.

JUNG, Carl Gustav. *A Vida Simbólica*. Vol. 2. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

JUNG, Carl Gustav. *A Energia Psíquica*. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013d.

JUNG, Carl Gustav. *Freud e a psicanálise*. 7ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da Psique*. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos Psicológicos*. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. 27ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

KELSEY, Morton T. *Deus, sonhos e revelação: interpretação cristã dos sonhos*. São Paulo: Paulus, 1996.

KONKOLY, Karen R. et al. Real time dialogue between experimenters and dreamers during REM sleep. *Current Biology* vol.31 p. 1 - 11, 2021.

Dossiê **Audiovisualidades contemporâneas e interfaces sonoras** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 1, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i1.27739

- LEWIS, Clive Staples. *A abolição do homem*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MORIN, Edgar. *O método IV*. Lisboa: Publ. Europa-América, 1992.
- NIETZSCHE, Friederich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- QUIROGA, Quian et al. Invariant visual representation by single neurons in the human brain. *Nature*. Vol. 435/23 p. 1102-1107, 2005.
- REVONSUO, Antti. The reinterpretation of dreams: An evolutionary hypothesis of the function of dreaming. *Behavioral and Brain Sciences*. Vol. 23, p. 877 - 901, 2000.
- RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019.
- RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e pós-humanismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- SANFORD, John A. *Os sonhos e a cura da alma*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTOS, Agripino. *Tecnonatureza, Transumanismo e Pós-Humanidade*. Salvador: JusPodivm, 2020.
- VON FRANZ, Marie-Louise. *O caminho dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- WHITMONT, Eduard. C. *Sonhos, um portal para a fonte*. São Paulo: Sumus Editorial, 1995.

Documentários

- CODED BIAS. Shalini Kantaya. Netflix, 2021.
- O DILEMA DAS REDES. Jeff Orlowski. Título original: The social dilemma. Netflix, 2020.

José Luiz Balestrini - UNIP

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2002). Pós graduação Lato Sensu em Medicina Tradicional Chinesa (2002 e 2003). Trabalhou na Duke University (Durham, NC, EUA) como Pesquisador Associado estudando os efeitos da Acupuntura em genes de expressão imediata em áreas específicas do cérebro. Esteve por diversas vezes na China

aprofundando estudos no pensamento filosófico chinês com ênfase no taoísmo. Pós graduação Lato Sensu em Psicologia Junguiana pelo Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP) (2018). Pós graduação Lato Sensu em Psicossomática IJEP (em andamento). Membro analista em formação e docente do Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP). Prática clínica de psicologia em consultório desde 2005 até o presente. Mestrando em Comunicação pela UNIP - Universidade Paulista. Autor do livro Tudo Verdade publicado pela Eleva Editora.
Email: balestrini@lungfu.com.br

Malena Segura Contrera - UNIP

É doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Realizou pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob supervisão do Prof. Dr. Muniz Sodré (bolsa CNPq, 2007-2008) e estágios de pesquisa em Sevilha, Espanha, sobre Política da Comunicação (2000), em Viena, Áustria, sobre Multiculturalismo e Mídia (1998) e em Berlin, Alemanha, sobre Mimese e Rituais Mediáticos (2010). É também especialista em Psicologia Junguiana (FACIS-IJEP, 2013) e terapeuta junguiana. Atualmente é professora titular dos cursos de mestrado e doutorado em Comunicação da Universidade Paulista. Foi durante vários anos (até 2006) professora da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde implantou e coordenou o curso de Jornalismo (1999 a 2004). Seus interesses de pesquisa são Teoria da Comunicação, Culturas Arcaicas, Cultura Contemporânea, Mídia Eletrônica (televisão em especial), Mitologia e Psicologia Junguiana. É autora dos livros O mito na mídia (1996), Mídia e Pânico (2002), Jornalismo e Realidade (2004), Mediosfera (2010) e de diversos outros artigos e capítulos de livros em coletâneas e revistas científicas, tanto no Brasil como no Chile e na Espanha. É membro do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Midia, da PUC/SP (CISC) desde sua fundação (1992), e atual líder do Grupo de Pesquisa em Mídia e Estudos do Imaginário, da UNIP (desde 2005). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.
Email: malenacontrera@uol.com.br